

O FAZEDOR DE CAMINHOS

UMA ENTREVISTA COM FRANCISCO BRAZ

FRANCISCO BRAZ (AKA FRANCISCO BRÁS) E
GONÇALO BARATA



03 maio 2017



03 junho 2021



Crime do Padre Amaro como
Arur Couceiro 1978

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



COLEÇÃO SEBENTAS

Instituto Politécnico de Lisboa

QUEM SOMOS

- A Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) é uma instituição de ensino superior público artístico com origem na primeira Escola de Teatro portuguesa, a Escola de Arte Dramática, depois Escola da Arte de Representar do Conservatório Nacional, fundada por Almeida Garrett em 1836. Desde 1971 integra a Escola de Cinema, hoje seu Departamento de Cinema. Em 1985, a ESTC foi integrada, com a Escola Superior de Música e a Escola Superior de Dança, no Instituto Politécnico de Lisboa (IPL).
- A ESTC desenvolve o seu ensino visando a formação de profissionais altamente qualificados nas suas áreas, fomentando a investigação e a pesquisa, a experimentação e a criação artística, concretizando ou participando em projetos de desenvolvimento e prestando serviços à comunidade. Em 1998, transferiu-se do edifício da Rua dos Caetanos, em Lisboa, para o atual edifício, na Amadora, desenhado pelo arquiteto Manuel Salgado, coautor do Centro Cultural de Belém (CCB).
- Os seus dois Departamentos, dotados de autonomia pedagógica e científica, oferecem formações conducentes à obtenção dos graus académicos de Licenciado e de Mestre (1º e 2º ciclos do ensino superior), formações não conferentes de grau académico de Pós-Graduado de Especialização e participam, com a Universidade de Lisboa (UL), no Curso de Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento. A Licenciatura em Teatro oferece formações específicas nas áreas de Atores, Design de Cena e Produção. O Mestrado em Teatro oferece especializações em Artes Performativas, Design de Cena, Encenação, Produção e Teatro e Comunidade. A Pós-Graduação em Media & Performance oferece uma especialização em Laboratório de Tecnologia Criativa. A Licenciatura em Cinema oferece formação nas áreas de Argumento, Imagem, Montagem, Produção, Realização e Som. O Mestrado em Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico oferece especializações nas áreas de Dramaturgia e Realização, Narrativas Cinematográficas e Tecnologias de Pós-Produção. A Pós-Graduação em Pós-Produção Digital em Cinema oferece uma formação especializada no âmbito da cadeia de procedimentos daquela área profissional.
- No âmbito da mobilidade internacional de discentes e docentes, a ESTC integra os programas Sócrates/Erasmus e promove acordos bilaterais e parcerias com instituições congêneras europeias e latino-americanas, designadamente argentinas, mexicanas e brasileiras. É membro de organizações internacionais das suas áreas de ensino: o International Theatre Institute (ITI)/UNESCO, o Centre International de Liaison des Écoles de Cinéma et de Télévision (CILECT) e seu braço europeu Groupement Européen des Écoles de Cinéma et Télévision (GEECT), liderando atualmente o seu Departamento de Teatro o programa europeu École des Écoles.
- A Biblioteca da ESTC é detentora de um vasto acervo resultante de aquisições, doações e espólios de autores, incluindo bibliografia de notória relevância histórica relativa ao Teatro e ao Cinema, e, associada à editora *online* de acesso aberto - ESTC Edições - publica regularmente textos de apoio aos ensinamentos da Escola, resultantes de investigação aplicada de docentes e colaboradores próximos da instituição.
- Informações mais detalhadas sobre a ESTC em <www.estc.ipl.pt>; sobre a sua biblioteca, em <<http://www.estc.ipl.pt/biblioteca-estc>>.

O FAZEDOR DE CAMINHOS

UMA ENTREVISTA COM FRANCISCO BRAZ

FRANCISCO BRAZ (AKA FRANCISCO BRÁS) E
GONÇALO BARATA

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



COLEÇÃO SEBENTAS

Instituto Politécnico de Lisboa

Título | *O fazedor de caminhos: uma entrevista com Francisco Braz*
Autor | Francisco Braz (aka Francisco Brás) e Gonçalo Barata
Conceção e revisão | Ana Mira
Fotografias reunidas | Gonçalo Barata
Editor | Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa
Comissão editorial | Armando Nascimento Rosa e Fátima Chinita
Composição gráfica | Luísa Marques
Coleção Sebentas | série Retratos
1ª edição | 50 exemplares
Amadora | janeiro de 2025
ISBN | 978-972-9370-43-4
DOI | <https://doi.org/10.34629/ipl.estc.ebook.006>
e-mail | conselhobiblioteca@estc.ipl.pt



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-No Derivatives 4.0 International License.

https://wiki.creativecommons.org/wiki/CC_Affiliate_Network

NOTA

Esta entrevista surgiu no âmbito da participação de Ana Mira no ensino da unidade curricular Teorias e Práticas do Corpo, do Mestrado em Teatro (Escola Superior de Teatro e Cinema), frequentada por Gonçalo Barata entre 2020 e 2021.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

No dia 15 de Junho de 2021 conheci o ator e encenador Francisco Braz (1955-2023)¹. Desse encontro na Casa do Alentejo surgiu a entrevista apresentada nesta sebenta. Ao longo desta entrevista foram-me transmitidos valores tais como a integridade, o profissionalismo, a paciência, a disponibilidade para o outro, uma maneira de trabalhar diferente, a perseverança perante as dificuldades, a humildade. Esta entrevista foi realizada no âmbito do Trabalho de Projeto *O ensino através da arte e a arte através do ensino* do Mestrado em Teatro / Especialização em Teatro e Comunidade na Escola Superior de Teatro e Cinema – Instituto Politécnico de Lisboa, o qual concluí no final de 2021; e de um genuíno interesse pelo trabalho de Francisco Braz como ator e encenador.

Gonçalo Barata

A entrevista concedida pelo ator e encenador Francisco Braz (entre os amigos, Chico Braz) a Gonçalo Barata representa um testemunho sobre a sua vida no teatro e o trabalho pioneiro que desenvolveu no campo do teatro e comunidade, sobretudo como fundador do Grupo Crinabel Teatro, em 1986, no qual permaneceu largos anos como diretor artístico. Foi na escuta do murmúrio de todos-os-seres que antevi o encontro entre os dois, ainda na expectativa da concretização de um gesto de reconhecimento pelo trabalho do Francisco, em vida. Francisco Braz faleceu na sexta-feira, dia 29 de Setembro de 2023, aos 67 anos, na sua casa em Alcoutim, no Algarve. Tenho nas mãos uma memória do meu primeiro contacto com o teatro quando o Francisco atuou no musical “Annie” (1983), mas sobretudo das histórias e do rebuliço comum do movimento e das sonoridades das pessoas no atelier de teatro, nos corredores e

¹ Ver nota biográfica de Francisco Braz na contracapa em “NOTA BIOGRÁFICA DOS AUTORES”.

nas salas de aula da Crinabel, onde a minha mãe ensinava. Espero, simplesmente, que esta *uma entrevista a Francisco Braz*, com Gonçalo Barata, possa inspirar outros e próximos gestos de aprender a escutar. A ti, Chico, obrigada!

Ana Mira

PRIMEIROS PASSOS

Gonçalo Barata: Em que ano entrou para o Conservatório [Nacional]? E como era o Conservatório nessa altura?

Francisco Braz: Entrei para o Conservatório um ano antes do 25 de Abril, em 1973, era uma casa lindíssima ainda situada no Bairro Alto. O edifício incluía as vertentes da dança, da música e do teatro, depois, mais tarde abriu o cinema. Respirava-se ali um ambiente especial.

No rés-do-chão estava a cenografia, a responsável pelo departamento era a Doutora Helena Reis. No primeiro andar era a Escola de Música, no segundo andar era a Escola de Dança e nós, atores, estávamos no sótão onde era o auditório.

A escola era muito rigorosa, nós tínhamos de usar gravata e as meninas, saía pelos joelhos...

OS VENTOS DA MUDANÇA

Francisco Braz: Entretanto dá-se o 25 de Abril e a escola mudou, adaptando-se à nova condição do país. Havia um processo revolucionário em curso e sentia-se essa instabilidade. Os professores iam entrando e saindo. O Doutor Eurico Lisboa (professor de História do Teatro) foi um dos que ficou, tinha um sentido de humor e uma sabedoria contagiantes; era um contador de histórias.

Esse segundo ano foi marcado por um professor muito importante que tive naquela altura, Augusto Boal, fundador do Teatro Arena no Brasil. Assim que se deu o 25 de Abril, Augusto Boal e a sua esposa vieram para Portugal exilados. Foi realmente um excelente professor de interpretação porque trazia técnicas novas, trazia uma forma de ver o teatro completamente diferente, trazia

propostas muito interessantes, muito curiosas. São boas memórias, tanto dele como da sua esposa, Cecília Boal, de Buenos Aires.

COMEÇO DE CARREIRA

Gonçalo Barata: Como foi o seu início de carreira?

Francisco Braz: Eu comecei a trabalhar logo no segundo ano [do curso no Conservatório]. Apareceu uma oportunidade na Companhia de Teatro da RDP, dirigida por Artur Ramos que estava sediada no Teatro Maria Matos e comecei logo a trabalhar. O ator Armando Cortez, junto com outros atores, fundaram a Repertório – Cooperativa Portuguesa de Teatro onde me estreei como ator na peça “O encoberto”, de Natália Correia, e pelas mãos do encenador Carlos Avilez. Optei por continuar a trabalhar, porque a escola também já não me estava a preencher... Abandonei a escola e como pertencia a uma cooperativa, tínhamos de fazer tudo, todos fazíamos tudo. Desde bilheteiras, cenários, não havia dinheiro, não havia salários. O ator Armando Cortez foi um dos grandes mestres que eu tive. Continuei o meu trajeto, na altura, fiz muita publicidade e comecei a fazer cinema também.

Nessa altura, pós 25 de Abril, havia companhias que estavam conotadas com a direita ou com os da esquerda. Com os da Revista, ou os independentes. Felizmente, essas conotações foram-se dissipando com o tempo.

CRINABEL

A Crinabel é uma cooperativa com estatuto de utilidade pública sem fins lucrativos, fundada em 1975 por iniciativa de um grupo de pais e de outras pessoas ligadas à reabilitação de crianças e jovens com necessidades especiais. Tem como missão dar apoio, capacitar e integrar pessoas com deficiência

intelectual. O Grupo Crinabel Teatro foi criado por Francisco Braz em 1986, tendo sido um projeto pioneiro no que concerne à valorização das capacidades artísticas, pessoais e sociais dos jovens e adultos que o integram. Em 1989 iniciou-se a Formação Profissional em Teatro na Crinabel. Recorrendo ao *site* da instituição é possível aferir que nesse curso eram lecionadas matérias relacionadas com a interpretação, a voz, a dança, a música, a maquilhagem, a mímica, a história do teatro e as técnicas circenses, todas administradas por profissionais reconhecidos. Através da apresentação pública de peças de teatro, o projeto desenvolveu-se a nível nacional e internacional. As produções do Grupo Crinabel Teatro começaram desde cedo a extrapolar o território nacional: a primeira vez foi em Almagro, Espanha, mas seguiram-se muitos outros sítios incluindo na América Latina e, em França, no Festival de Avignon. A determinada altura, o grupo começou a apostar em reportório escolar, percorrendo as escolas portuguesas. O primeiro espetáculo apresentado pelo Grupo Crinabel Teatro foi “Babine o Parvo”, de Tolstoi, em 1987. Na altura em que esta entrevista foi realizada, Francisco Braz já não trabalhava com o Grupo Crinabel Teatro.

Gonçalo Barata: O seu trabalho na Crinabel é sobejamente conhecido, como surgiu essa experiência na sua vida?

Francisco Braz: Uma altura estava a fazer o musical “Annie”², no Teatro Maria Matos, e havia uma senhora que ia todos os domingos ver a matiné com o filho. O filho, nessa altura, era um jovem com dificuldades que ainda hoje é um assíduo do teatro. O João gostava muito do espetáculo, então, a mãe levava-o todos os domingos. Ele já nem pagava bilhete: ofereciam-lhe o bilhete, estava

² O musical “Annie”, de Thomas Meehan, foi apresentado no Teatro Maria Matos, em 1983, com encenação de Armando Cortez.

sempre na primeira fila e batia muitas palmas. Nos dias em que o João lá estava, era fantástico, não havia quadro nenhum que não fosse aplaudido; ele puxava as palmas. Era como o claqueiro³ de Revista.

Eu estava ligado à produção, para além de entrar como ator. A diretora de cena era a atriz Manuela Maria, o empresário era Sérgio Azevedo, ligado ao Parque Mayer. Tivemos uma supervisão americana, como todos os musicais que são feitos em Portugal, pelo Filipe La Féria; por exemplo, “West Side Story’s”, “My Fair Lady”, “Um Violino no Telhado”, entre outros... São supervisionados para não perderem a qualidade inicial, digamos assim. Só a título de curiosidade, nesse espetáculo, eu mudava de roupa vinte e quatro vezes por noite, fazíamos os papéis todos, éramos criados, éramos mendigos, éramos ministros, éramos tudo.

Um dia a mãe do João interpela-nos no sentido de o filho conhecer as crianças do orfanato que entravam no espetáculo e ver o teatro por dentro. Eu fiz-lhes uma visita guiada, a senhora ficou muito sensibilizada com a disponibilidade que eu mostrei e convidou-me para conhecer a escola que ela dirigia: a Crinabel. Essa senhora era a presidente da direção da Crinabel. O João amava e ama o teatro, tem um amor ao teatro que é absolutamente espantoso. Respira aquele ar. Tem um camarim no quarto dele, pinta-se todos os dias, faz espetáculos em casa para a mãe, para as irmãs (ainda hoje). Tem 50 ou quase 60 anos.

A INSTITUIÇÃO

Fui lá almoçar e devo dizer que o primeiro impacto foi duro. Naquela altura, nos anos 80, olhava-se a pessoa com deficiência assim um bocadinho...? Não

³O “claqueiro” era a pessoa responsável por dar a ordem para baterem palmas no teatro de revista. O público podia assistir ao espetáculo com um “bilhete de claque”, cujo preço era um quarto do preço normal e o compromisso era bater palmas quando o “claqueiro” ordenasse.

mudávamos de passeio, mas quase. Também havia o estigma de esconder a pessoa com deficiência, não se mostravam, era muito raro os jovens saírem para a rua, a mudança ainda hoje está em curso.

Entretanto, a senhora ficou muito sensibilizada e fez-me um convite direto, pois tinha saído da escola um professor de música e havia uma vaga por preencher. Fiquei de dar uma resposta, mas sentia que poderia não ser capaz, podia não ter a formação ideal. Mas, a verdade, é que nessa altura não havia ninguém que tivesse essa formação.

A peça “Annie” acaba abruptamente e eu vi ali a possibilidade para arriscar. E se eu fosse experimentar? Liguei para a senhora e aceitei o trabalho. Ela ficou encantada, incentivou-me e deixou-me completamente à vontade para o caso de as coisas não darem certo, eu poder sair sem problemas. Nessa altura, também disse à direção que não queria abdicar da minha profissão como ator e que iria conciliar os dois trabalhos. Assim foi a minha chegada ali. Perfeitamente por acaso, não foi convicção, devoção, não foi intuição, não foi nada daquelas coisas que as pessoas pensam.

O curioso é que aos poucos comecei a ver naqueles jovens um potencial, uma disponibilidade a cem por cento, uma entrega total e absoluta, uma vontade de superação das suas próprias dificuldades e isso é muito importante. Aprendi imenso. A pessoa que eu sou hoje tem muito desse *feedback* do trabalho que desenvolvi com eles. Ensinaram a perseverança, ensinaram a paciência, ensinaram a calma, ensinaram a respeitar o tempo dos outros. Ao mesmo tempo que eu lhes ensinava alguma coisa, também aprendi com eles... Para mim, isso foi uma aprendizagem absolutamente genial. Devo dizer que esta experiência deu uma volta de cento e oitenta graus na minha vida, na minha

forma de olhar o mundo e na minha forma de estar no mundo e isso devo, efetivamente, àquelas pessoas, as quais se entregavam de corpo e alma.

TRAJECTO

Gonçalo Barata: Recordar-se dos primeiros trabalhos que realizou na instituição [Grupo Crinabel Teatro]?

Francisco Braz: Arranquei logo com um texto de Tolstói que era “Babine o Parvo”, estava publicado numa editora que era a Contexto, que fez umas edições dos grandes autores que escreveram também para crianças. Então, nessa perspectiva, trabalhei vários textos de Tolstói, de James Joyce... fizeram esses autores todos. O espetáculo foi um sucesso. Eu entrava com eles porque tinha receio de os expor. No segundo espetáculo, larguei-os logo.

Eles tinham as suas atividades normais, a leitura, a escrita, os trabalhos manuais, as oficinas e um atelier de teatro. Todos passaram por mim, depois dali é que saíram os nove magníficos que deram início ao projeto do teatro e com eles fiz a tal primeira peça.

O furo foi sair dos muros da escola, foi sair e começar a lançar-me. Como já estava no meio artístico há alguns anos, comecei a “pedir” salas de espetáculo emprestadas. Ia falando com a Maria do Céu Guerra (Cinearte), com o Mário Viegas (Teatro Estúdio), também, no Teatro Trindade e eles acediam, o que era fantástico.

Eu tive a noção, naquela altura, que estava a criar um projeto-piloto a nível nacional. Só mais tarde é que me apercebi que, além de nacional, era internacional. Começou a haver um circuito de festivais. E, de facto, foi um *boom*. Em Espanha havia um festival experimental com estas práticas teatrais,

que se chamava “Congresso e Festival Internacional de Teatro para Pessoas com Descapacidade”, em Almagro, que é a capital do teatro clássico de Espanha, e nós fomos. Fomos considerados o melhor grupo no Festival Internacional. Vinham grupos da Holanda, de toda a Europa, da Colômbia... eram tudo coisas muito baseadas na expressão corporal, nos fatinhos de papel com umas rosinhas à cabeça. Nós usávamos figurinos a sério, cenários a sério e éramos pessoas que representavam a sério. Adultos porque não são meninos. Embora lhes chamassem meninos, eles não o são. Eram adultos com idades de dezassetes, dezoitos, dezanoves, vintes, trintas, quarentas... Eu vi o *feedback* do primeiro espetáculo, o impacto que teve. Tivemos um impacto muito grande a nível internacional. Eu fui (digamos) pioneiro de todas as iniciativas que começaram depois a aparecer um pouco por todo o país.

PROCESSO

Gonçalo Barata: E em termos de metodologia, quais eram os seus princípios?

Francisco Braz: “Não sou capaz de não sei o quê”, “és capaz, sim senhor, vais esforçar-te, esforças-te e és capaz”. Tudo isto se consegue com trabalho. Comecei a inculcar neles o sentido de responsabilidade, paralelamente, comecei a trabalhar outros aspetos com eles: a memória, a postura, o aspeto, um ator tem de se apresentar bem.

Tenho exemplos fantásticos: Havia uma miúda com síndrome de Down cujos pais, que já eram um bocadinho idosos, achavam que ela tinha de andar vestida como a mãe queria. Não era malvestida, mas à antiga. Às vezes, eu falava com a miúda sobre a sua personalidade, os seus gostos (claramente ela não gostava da roupa que usava), que ela deveria impor-se manifestando a sua vontade.... Havia ainda uma outra situação que tinha a ver com o uso da peruca que,

também, era do seu total desagrado. E quando ela foi dizer aos pais que não queria usar a peruca, foi outro escândalo. Mas, eles iam socialmente levar a filha careca? Os pais que eram conservadores interpelaram-me queixando-se do que eu tinha feito. Tive de lhes fazer ver a realidade: ela, como ser humano que é, tem direitos e é adulta, tem direito a escolher aquilo que gosta.

Portanto, este trabalho junto das famílias que eram superprotetoras, também, era muito importante. Os pais depois começaram a ver que eles eram capazes. Aquele jovem que eles achavam que não era capaz de fazer nada (tinha de ser ajudado em casa), ali ia ganhando o seu espaço, o seu tempo para resolver as adversidades à sua maneira. Respeitando o tempo de cada um, comecei também a fazer um trabalho na sombra com as famílias, que são a base estrutural destas pessoas e da qual elas dependem cem por cento; para lhes dar um bocadinho de autonomia a todos os níveis. Comecei a ter *feedbacks* fantásticos de pais que me diziam: “Ele agora fala em casa”. Começaram a ter gostos próprios, a ter opinião.

Não foi o projeto de teatro só em si, foi todo o envolvimento, ir para fora com eles, ficarem em hotéis, viagens de avião. Nunca em lado nenhum eu deixei que fossem estigmatizados ou que fossem postos de parte. Se eu sentia que havia alguma coisa, dizia-lhes: “Este não é o nosso lugar. Estes senhores não compreendem, não percebem”. Eram artistas. Quando eles interiorizaram este conceito... “eu sou um artista”, “eu sou um ator” ou “sou uma atriz”, “estou em cima do palco e sou aplaudido pelo trabalho que eu faço”, “quanto melhor eu fizer, mais aplausos eu tenho”.

ENTRADA NA REDE

Gonçalo Barata: Quais eram os seus objetivos?

Francisco Braz: Fundamentalmente o que eu queria era entrar no circuito e que não fosse especificamente: *de-para* (de pessoas com dificuldades-para pessoas com dificuldades), mas *de* pessoas-*para* pessoas. Acabar com essa barreira. As pessoas vêm aqui para ver um espetáculo, não vêm para ver os meninos da Crinabel a fazer umas coisinhas. Eu era muito rigoroso com eles: “Eu não sou capaz”. “Isso é o que te dizem em casa, que não és capaz. Eu acredito que tu és capaz.” A filosofia e a lógica eram estas, que pautavam todo o trabalho e daí o sucesso que o grupo, efetivamente, teve. Desde Europa, América Latina, fomos a todo o lado e éramos aplaudidíssimos.

Depois começaram a aparecer coisas muito boas. Mas, efetivamente, nós éramos a potência. Começámos a ser assíduos nestes festivais, nestes grandes festivais que existiam um pouco por todo o lado. Uma das coisas que depois me começou a “incomodar” eram os festivais *de-e para* pessoas especiais, eles acabavam por se fechar em si próprios como se de um gueto se tratasse. Isso depois, felizmente, desapareceu com o tempo. Até que consegui levar um Grupo a Avignon, ao Festival de Avignon. De acordo com o sítio onde estavam, a pressão e a responsabilidade era sentida de forma diferente, o que era ótimo para os desafiar.

INCLUSÃO

Gonçalo Barata: Para além dos festivais, onde é que os espetáculos eram apresentados?

Francisco Braz: Fizemos muitos espetáculos em escolas. Eu comecei a apostar no repertório de Gil Vicente (repertório escolar) dos textos obrigatórios do secundário. Comecei a fazer adaptações e a levar o teatro às escolas. O primeiro subsídio que tive foi do Ministério da Educação, era obrigatório um número x

de espetáculos a serem apresentados às escolas. Podia colocar-se a questão: “Porque é que isto tinha como efeito e resultado – integração”? Eu cheguei a ouvir miúdos de 12... 10 anos a dizer: “Ah, gostava tanto de representar como eles”. “Eles fazem isto tão bem, que eu gostava tanto de ser como eles”. Ouvi-o imensas vezes. Tenho a plena convicção que fiz muito em prol não só da valorização pessoal de cada um deles, como da inclusão.

CARREIRA

Gonçalo Barata: Em termos de carreira o Francisco sempre mostrou muita plasticidade, que projetos foram surgindo ao longo do tempo?

Francisco Braz: Trabalhei com idosos também, fiz um projeto lindíssimo com idosos em São Bento, Lisboa. O Presidente da Junta de São Bento, curiosamente, o Presidente Bento desafiou-me a desenvolver um projeto com os idosos da freguesia.

Fui ter com os idosos e foi a mesma coisa. Comecei a pensar o que deveria fazer, o que poderia desenvolver. Da parte deles havia alguns receios em relação ao texto, queixavam-se da memória (já estavam com alguma demência). Na altura, a Vereadora da Cultura na Câmara Municipal de Lisboa era a Doutora Maria Calado, o Presidente da Câmara era o Doutor João Soares. Apresentei o projeto e foi aceite. A apresentação ficou marcada para o Dia do Idoso. Já com a certeza de que ia apresentar no Dia do Idoso, cheguei ao grupo e dei-lhes a novidade. Receberam-na muito nervosos e receosos.

O espetáculo que eu fiz com eles era uma coisa do mais simples possível e que resultou numa coisa absolutamente extraordinária. Numa noite de insónia ou não, lembrei-me que eles poderiam trazer fotografias e o trabalho partir desse material. Tenho de ter muito respeito por esta gente porque cada um deles é

uma vida. Foi tão espontâneo em mim, tão imediato que eu não me apercebi da repercussão que a experiência tinha. Foi buscar a memória toda, eles olhavam a fotografia... “Olha eu lembro-me que neste dia, tinha feito não sei o quê, não sei que mais...”, cada fotografia era uma história. Há sempre uma memória numa fotografia. Onde é que tirámos, como é que estávamos nesse dia, com quem é que estávamos, se era Verão, se era Inverno. Hoje banalizou-se a fotografia, mas não perdeu esse sentido. Agora a fotografia a preto e branco impressa, guardada em caixas de cartão... Quando se vai mexer nessa memória tem um peso e eu não imaginava que tivesse aquele peso.

Reunimo-nos, eles trouxeram os seus envelopes com as fotografias e lá foram aparecendo as histórias: “Aqui foi no dia do meu casamento. Até foi muito engraçado... o carro avariou, íamos a caminho da lua-de-mel, entrou uma vespa picou-me tivemos um acidente... “. “Ai, este foi o primeiro baile a que fui. Levava uns sapatos tão apertados, quando voltei para casa tive de vir descalço”. Histórias incríveis! Isto faz um espetáculo. Perguntei-lhes se concordavam, se não se importavam de partilhar as histórias com o público. Responderam positivamente ao desafio.

Não fixei o texto, mas tinha texto. Eu sabia quando eles começavam, o que é que eles diziam e quando é que eles acabavam (estava na *régie*). Foram vestidos por um estilista profissional, maquilhados por um maquiador profissional, tiveram um cabeleireiro profissional. Todos lindos, lindas e maravilhosos. O espetáculo foi no Teatro São Luís, em Lisboa. Chamava-se “Caminhos”, o caminho de cada um. Vinham ao microfone: “Chamo-me fulano tal, tenho oitenta e não sei quantos anos”, entrava a primeira fotografia. “Aqui era eu quando fiz a primeira comunhão pela igreja. Neste dia tinha um lacinho. Da primeira vez que pus o lacinho...”, passava à fotografia seguinte. Era tudo

ordenado por ordem cronológica, resultou imenso.

Eles estavam tão à vontade a falar de si próprios, aquele texto estava lá... Com uma grande sobriedade, uma grande limpeza e uma grande dignidade, sobretudo. Eles mereciam. E tinham lá pessoas do Bairro da Serafina, pessoas com muitas dificuldades, com reforma de cem e cento e tal euros que iam para o centro de dia e levavam o jantar para casa. Alguns disseram que pela primeira vez na vida foram valorizados, foram aplaudidos. Foram reconhecidos pelo trabalho que fizeram. Ainda apresentámos esse espetáculo num festival no Porto, o Espaço T, e fomos a Évora, ao festival do Teatro Garcia de Resende.

Estás a expor pessoas que já têm as suas fragilidades sociais. As pessoas de idade, as pessoas com deficiência têm fragilidades muito grandes e essas fragilidades têm de ser respeitadas, e muitíssimo bem tratadas.

Eu sempre me considerei um *border* (um bocadinho na periferia das coisas) e essa minha periferia passa por muitas tolices, não é? É evidente que me sacrifiquei um pouco dado o empenhamento que tive neste projeto, sacrifiquei muito da minha carreira, também perdi algumas oportunidades. Mas, também, como nunca ansiei o mediatismo, nunca fui daquelas pessoas: “Quero ser conhecido, quero ser não sei que mais...”. Depois, comecei a escrever textos e a encenar com profissionais, e aí já tive a televisão e outros caminhos.

Para abreviar, tive um problema de saúde. O meu corpo disse-me: “Para!”. Eu vivia em vertigem, entre os ensaios, entre espetáculos, entre a Crinabel, depois também é complicado quando tens um projeto destes que está ligado a uma instituição, porque a instituição tem peso. Às vezes, colegas meus diziam “Ah, tu és um privilegiado”. Não há privilégio nenhum em trabalhar. Uns andavam ali pelo ordenado (a entreter meninos)... Já, quanto a mim, dedicava-me a “puxar”

pelos limites dos elementos do grupo, por isso, se eu tive algum privilégio pelo facto de trabalhar, que me tenha sido concedido em boa hora. O meu corpo disse “Para!” e eu parei. Obedeci a mim próprio, senão não estava cá já nesta altura e foi um compromisso.

Fiz a “Tempestade” de Shakespeare nos Açores, num projeto inclusivo com um grupo de lá que é o Teatro Giz. Houve um naufrágio na ilha do Faial com os figurinos do [Teatro] La Scala de Milão; deram à costa na ilha do Faial. O grupo de teatro resgatou esses figurinos e o La Scala ofereceu aqueles que estavam em bom estado. Eles ficaram com um espólio fantástico e convidaram-me para ir lá dirigir um projeto inclusivo que também integrava pessoas com deficiência.

Fiquei uns tempos a matutar o que iria fazer até que me decidi pela “Tempestade”, de Shakespeare. É uma ilha, estão lá os nobres todos, há os amores cruzados, tenho o cenário natural e tenho figurinos. Trabalhava de dia e noite, estive lá um mês e em 28 dias estreámos a peça.

Trabalhei sobre uma versão adaptada da Hélia Correia (fez uma versão que está publicada), uma versão digamos mais aligeirada. Havia música ao vivo no espetáculo pelos músicos do Conservatório do Faial: violino, violoncelo e harpa. Trabalhava todos os dias com equipas diferentes, tinha membros do grupo que trabalhavam (eram amadores), os seis ou sete miúdos estavam numa instituição e também tinham os seus compromissos. Tinha de jogar com essa situação toda, trabalhava com núcleos.

Do Teatro Esfera guardo uma gratidão enorme. Fiz uma peça com o João Ricardo que faleceu, ele era um ser humano extraordinário. Era o “Sonho de uma noite de Verão”⁴, aqui no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa. Eu e a

⁴ “Sonho de uma noite de Verão”, de William Shakespeare.

Paula Só tínhamos uma cena absolutamente genial, a cena já estava feita à partida. Temos uma empatia um com o outro, basta olhar um para o outro e a coisa dá-se logo.

Tive o privilégio de ter trabalhado com encenadores muito bons com os quais aprendi bastante, com o Mário Viegas, o Armando Cortez, com muita, muita e muita gente. Trabalhei com um encenador espanhol José Osuna – fantástico! Tive aulas com o Peter Brook, trabalhei com o João Mota. Gostei muito de trabalhar com o João Mota, a Maria do Céu Guerra...

Estive quatro anos a trabalhar na direção de um Lar em Alcoutim [no Algarve]. Uma trabalhadeira...

Sou algarvio, sou do monte; Alcoutim, mais concretamente, do Monte de Cortes Pereiras, onde nasci e vivo. Agora tenho esta liberdade de poder escolher aquilo que posso fazer.

O próximo projeto, provavelmente, será dirigir um espetáculo no Teatro Esfera. Uma peça que eu traduzi, uma comédia francesa. Tenho uma dívida de gratidão para com o Teatro Esfera e, então, sempre que eles me pedem alguma coisa, eu faço-o do coração.

É uma história... é uma vida.

ALGUMAS IMAGENS



NOTA BIOGRÁFICA DOS AUTORES

FRANCISCO BRAZ

Ator e encenador, terminou o Curso de Formação de Atores do Conservatório Nacional (1977) e frequentou o Curso de Especialização em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras. Foi um dos fundadores da Repertório – Cooperativa Portuguesa de Teatro e, em 1986, fundou o grupo de teatro da cooperativa de ensino especial Crinabel. Igualmente, fundou e encenou o Grupo Teatro Amador do Centro de Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Castro Marim. Como ator trabalhou com diversos encenadores e realizadores, entre os quais, Armando Cortez, Carlos Avilez, José Osuna, João Mota, Maria Helena Matos, Varela Silva, *Angel Ruggiero*, Jorge Costa, Ruy Guerra. No grande ecrã participou em longas-metragens como “Francisca”, de Manoel de Oliveira (1981); “Camarate” (2001) e “A Outra Margem” (2007), de Luís Filipe Rocha; “O Frágil Som do Meu Motor”, de Leonardo António (2012); e “Axilas”, de José Fonseca e Costa (2016). Na televisão fez parte do elenco das novelas “Vila Faia” (1982) e “Nazaré” (2019); e das séries “Mala de Cartão” (1988) e “Ministério do Tempo” (2017).

GONÇALO BARATA

Ator, encenador e professor/diretor do curso intérprete/ator/atriz, na escola Secundária D. Pedro V – Lisboa. Mestre em Teatro e Comunidade pela ESTC (Lisboa) e Licenciado/Bacharel em Teatro e Educação pela ESEC (Coimbra). Co-Fundador da HUG - Rede Internacional de Teatro e Comunidade e Artes Participativas. Como ator em teatro trabalhou com Valentin Tepljakov, Ingrid Koudela, António Mercado, Clovis Levi, Thereza Piffer, Fabio Gorgolini, Nuno Pino Custódio, António Fonseca, Marcelo Lafontana. Na televisão trabalhou como produtor na Freeform Productions - Channel 4 (UK) e foi voluntário no Festival “Britdoc”, em Oxford e Londres (UK). Participou como ator em “Morangos com Açúcar”, “Queridos Papás”, “Festa é Festa”, “A Herdeira”, “Jogo Duplo”, “Ninguém como tu”, “A Sentença”, “Vizinhos para Sempre”, “Cacau” – TVI; “Rainha das Flores”, “Ganância” – SIC; “Madre Paula” – RTP. Como encenador estes foram alguns dos autores que encenou: Beaumarchais; Shakespeare; Tim Burton; Ângela Ferreira; Neil Simon; Nelson Rodrigues; Armando Nascimento Rosa; Anton Tchekhov; Arnold Wesker; José Triana; Luís Vaz de Camões; Gerardjan Rijnders; Tennessee Williams; August Strindberg; rupi kaur; Sarah Kane; Karl Valentin; Dr. Heinrich Hoffmann e diversas peças da sua autoria. Tem página pessoal em <https://www.goncalobarata.com>.



31 maio 2012



Mata-Hari 2016



Auto da Índia 1989